



REGIONALISMO – AS IDEIAS DENTRO DO LUGAR: TRAÇOS DO IN LOCO NA OBRA PELAS ORILHAS DA FRONTEIRA (1981) DE HÉLIO SEREJO

Adir Felisberto da Rosa

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estabelecer a assimetria entre o período do Segundo Reinado (1840 a 1889) o regionalismo, tendo como objeto o escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo e a obra *Pelas orilhas da fronteira* (1981). Para esse fim serão usados, como fundamentação teórica, os escritores Ferreira Gullar (1978), Roberto Schwartz (2000) e a obra serejana mencionada. Os estudos acerca do segundo reinado nos mostram a incompatibilidade entre a escrita e a realidade política, econômica e social no Brasil, pois a principal filosofia do período era fazer “cópias” das escritas europeias, que eram controladas pela grande massa burguesa. Em assimetria surge, no romantismo, o regionalismo brasileiro, que canta e exalta a cultura nacional numa perspectiva de crítica à burguesia, posto que relatava a realidade, transformações e singularidade do Brasil. Abrindo mão da linguagem bacharelesca e da ocultação dos problemas da nação como sistema escravocrata, o regionalismo nos traz a consciência nacional e a valorização do *in loco* na literatura brasileira. A escrita de Serejo nos põe frente à temática do local, usando uma sensibilidade e riqueza de detalhes quanto aos modismos, à linguagem, ao folclore e às marcas de identidade do estado de Mato Grosso do Sul pós-divisão de 1977.

Palavras-chave: Segundo Reinado. Regionalismo. Hélio Serejo.

ABSTRACT

The present article aims to establish the asymmetry between the Second Reign (1840 to 1889) and the Regionalism used by the sul-mato-grossense writer Hélio Serejo at the work *Pelas Orilhas da Fronteira*. To this purpose, it will be used, as theoretical grounds, the writer Ferreira Gullar (1978), Roberto Schwartz (2000) and the serjiana work mentioned previously. Studies related to the second reign shows us the incompatibility between writing and the political, economical and social reality in Brazil. Because the main philosophy in the country was to make copies of the European writings, that were controlled by the great bourgeoisie mass. This asymmetry rises in the Romantic period and related the reality, transformations and singularities of Brazil. Giving up the baccalaureate language, the regionalism brings the national consciousness and the valorization of the *in loco* inside the Brazilian literature. Serejo's writing puts us in front of the local thematic using richness of details concerned to the modisms, the language, the folklore and the marks of the identity of the State of Mato Grosso do Sul after the division in 1977.

Keywords: Second Reign. Regionalism. Hélio Serejo.

Adir Felisberto da Rosa é mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: adirfelisberto@hotmail.com



INTRODUÇÃO

O presente artigo busca evidenciar as assimetrias entre alguns aspectos das escritas do Segundo Reinado e do Regionalismo na literatura brasileira, dando ênfase às produções literárias entre os anos de 1840 a 1889, notando a fuga da realidade brasileira e expondo os tipos europeus, como, por exemplo, as características de escrita rebuscada e os princípios ideológicos do capitalismo, dentre outras.

Para a quebra de tamanho paradigma surge o regionalismo brasileiro, que se encaminha assimetricamente quanto aos ideais burgueses e europeus. Teóricos como Ferreira Gullar (1978) e Roberto Schwartz (2000) marcam, categoricamente, o período de retrocesso literário do Segundo Reinado, o qual durou 49 anos. Os primeiros escritores de cunho regional sofreram grande pressão por parte da elite, que era movimentada pelo capitalismo.

1 SEGUNDO REINADO – QUARENTA E NOVE ANOS DAS IDEIAS VINDAS DE FORA

Definir literatura tornou-se algo difícil frente à realidade política, econômica e social da contemporaneidade, mas tomo como premissa a ideia de que ela é a arte das palavras, é uma manifestação artística, é um “grito” de expressão que emprega a palavra como matéria-prima, utilizando a língua como ferramenta. Captar situações e sensações da realidade de um povo e recriá-las ou transfigurá-las é papel do escritor. Independe deste ou das obras, que muitas nascem de recortes e abordagens de um objeto, como situação política, vozes de minorias (negros, índios, LGBT e outros), amizade, amor, decepções, existência, fronteiras, a visão social de um período, etc. As obras literárias apresentam características de uma época, de um lugar, correspondendo a um determinado “chão cultural” compartilhado, ou seja, nascem de abordagem em um lugar específico e a este

se refere e muitas vezes busca ideais de outros lugares por questões estéticas e até mesmo por simples “modismo”.

Por muito tempo o Brasil reproduzia as tipologias de escrita literária europeia, seguindo o estilo vindo de fora e deixando as especificidades brasileiras à margem. Roberto Schwartz, ao discorrer sobre essa realidade, refere-se a Machado de Assis quando este “põe o Brasil fora do sistema da ciência” (SCHWARTZ, 2000, p. 13). Ainda, nos ideais de Schwartz, essa prática é errônea, pois não diz respeito a nossa realidade e é desprezível, “[...] uma vez que não se referem à nossa realidade, ciência econômica e demais ideologias liberais é que são, elas sim, abomináveis, impolíticas e estrangeiras, além de vulneráveis” (SCHWARTZ, 2000, p. 13).

Sabemos que uma sociedade, seja ela desenvolvida ou subdesenvolvida, não possui linearidade nas tocantes problemas políticos, econômicos e sociais; logo, seguindo os ideais europeus, o Brasil, para Schwartz, era visto como uma comédia ideológica, já que era notável que os europeus tinham seus problemas, graves por sinal, *como* a exploração do trabalho que era esteticamente “encoberta”, deixando louvável os ideais que aqui, no Brasil, eram copiados. Ressalta-se que são realidades totalmente distintas (brasileira e europeia) e sobre tal disparidade Ferreira Gullar (1978, p. 46) discorre:

A diferença entre a realidade europeia em pleno desenvolvimento capitalista, e a realidade brasileira, em formação, é um dado importante para que se entendam as mudanças que se vão verificando entre essas duas realidades, na medida em que ambas se transformam ao mesmo tempo e em estágios diferentes. Deve-se levar em conta também o fato de que a própria transformação do mundo, operada pela civilização europeia em seu desenvolvimento, cria para sociedade brasileira condições diversas das que nesse estágio, encontraram nos países europeus,



determinando assim que o processo de desenvolvimento brasileiro tenha características próprias, mesmo cumprindo estágios equivalentes do processo econômico. A história não se repete e os países subdesenvolvidos não repetirão, nem no plano econômico nem político, nem cultural.

Seguindo a crítica construída por Gullar, Schwartz descreve que “[...] essa impropriedade de nosso pensamento [...] foi de fato uma presença assídua, atravessando e desequilibrando, até no detalhe, a vida ideológica do Segundo Reinado” (SCHWARTZ, 2000, p. 14). Toda a produção do período conhecido como Segundo Reinado, que corresponde aos anos de 1840 a 1889, na visão do crítico, foi “inflada, ou rasteira, ridícula ou crua” (SCHWARTZ, 2000, p. 14) seguindo o princípio de que trazíamos ideias de fora de forma equivocada, levados a modismos, e esquecíamos-nos das especificidades do Brasil do referido momento.

Embora sejam lugar-comum em nossa historiografia, as razões desse quadro foram pouco estudadas em seus efeitos. Como é sabido, éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro do mercado externo. Mais ou menos diretamente, vêm daí as singularidades que expusemos. Era inevitável, por exemplo, a presença entre nós do raciocínio econômico burguês, a prioridade do lucro, com seus corolários sociais não uma vez que dominava no comércio internacional, para onde a nossa economia era voltada. A prática permanente das transações escolava, neste sentido, quando menos uma pequena multidão. Além do que, havíamos feito a Independência há pouco, em nome de ideias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, que assim faziam parte de nossa identidade nacional (SCHWARTZ, 2000, p. 14).

Vale ressaltar que, segundo Schwartz, estávamos sem uma identidade “própria”, sendo usurpadores de ideais que não nos concerniam mesmo com tantas possibilidades de escritas políticas, econômicas e sociais. Sob tal perspectiva, o Segundo Reinado foi repleto de transformações no Brasil. Boris Fausto, em sua obra “História do Brasil”, ocupa alguns capítulos quanto a tal momento:

- A luta contra o império centralizado.
- O acordo das elites e o “parlamento”.
- Os dois grandes partidos do período; Conservador e Liberal.
- As questões de Unidades territoriais.
- A economia cafeeira
- O tráfico de escravos e sua extinção
- A busca de Modernização capitalista
- Imigração europeia em busca de trabalho
- A guerra do Paraguai
- Republicanismo
- As tensões entre estado e igreja
- A participação de militares no poder até a abdição de Dom Pedro I
- A queda da monarquia (FAUSTO, 2002, p.173-236).

São notáveis as questões de transformação política, econômica e social que ocorreram no período do Segundo Reinado na descrição de Boris Fausto, mas as grandes massas burguesas “não descreviam a existência” (SCHWARTZ, 2000, p. 14).

A sociedade burguesa, aqueles que detinham o poder e que buscavam ideais europeus, os mesmos que procuravam a educação dos filhos em escolas da Europa, não podiam, segundo seus princípios de burguês, chocar-se contra seus próprios meios. Assim, “a escravatura opunha[-se] à racionalização produtiva” (SCHWARTZ, 2000, p.14-15) e até mesmo com a mão de obra de baixo custo vinda da Europa, o que estava em “jogo” era o próprio sistema capitalista.

[...] O latifúndio escravista havia sido na origem um empreendimento do capital comercial, e que portanto o lucro fora desde



sempre o seu pivô. Ora, o lucro como prioridade subjetiva e comum as formas antiquadas do capital e s mais modernas. De sorte que os incultos e abomináveis escravistas até certa data, quando esta forma de produção veio a ser menos rentável que o trabalho assalariado, foram no essencial, capitalistas mais consequentes do que nossos defensores de Adam Smith, que no capitalismo achavam antes que tudo a liberdade. Está-se vendo que para a vida intelectual o nó estava armado. Em matéria de racionalidade, os papéis se embaralhavam e trocavam normalmente: a ciência era fantasia e moral, o obscurantismo era realismo e responsabilidade, a técnica não era prática, o altruísmo implantava a mais-valia etc. (SCHWARTZ, 2000, p. 15).

O sistema liberalista, aquele que leva em consideração as formas racionais e intuitivas de organização social, a vontade da maioria e a liberdade individual, fazendo oposição à concentração de poder nas mãos do estado que regia a Europa, entra em declínio em pleno século XIX, pois não levava em conta a escravidão: “por mera presença, a escravidão indicava a impropriedade das ideias liberais [...]”. Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexa efetivo da vida ideológica” (SCHWARTZ, 2000, p. 16). Segundo esse crítico, a colonização, tanto europeia quanto africana, produziu três classes populacionais: o latifundiário, o escravo e o homem livre, sendo um reflexo do capital comercial reafirmando o poder da elite, pois “adotávamos sofregamente o que a burguesia europeia tinha elaborado contra o arbítrio e escravidão” (SCHWARTZ, 2000, p. 17).

Nesse período, adotávamos tanto as ideias como as razões europeias para justificar a relação de favor existente, elevando assim as questões de capital, além de “comprarmos” os ideais vindos de fora, que davam “lustre” às pessoas e possuíam uma determinada superioridade pelo simples fato de virem da Europa, o famoso modismo brasileiro. Exemplo

claro é a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2003) do escritor Machado de Assis pela adoração: posso afirmar (ou usar) o verbo exaltar a cultura europeia ao fazer uso de vocabulário extremamente erudito, exatamente nos moldes europeus. Schwartz vê Machado de Assis como “exemplo, na qual se sucedem o jornalista combativo entusiasta das ‘inteligências proletárias, das classes ínfimas’” (SCHWARTZ, 2000, p. 21) por sua vasta obra com anuo burguês, seguindo uma linguagem bacharelesca e descrevendo uma realidade que não lhe concernia.

2 REGIONALISMO – AS IDEIAS DENTRO DO LUGAR

Como discorrido anteriormente, o Segundo Reinado foi um período de grandes mudanças políticas, econômicas sociais e também foi marcado por abstenção da realidade brasileira frente aos seguimentos burgueses que se idealizavam na cultura europeia. Aqui faremos um paralelo entre as ideias vindas de fora, expostas no tópico anterior, e o regionalismo que marca o orgulho nacional brasileiro.

Para iniciar uma nova perspectiva literária, quebrando aquela vigente até então, entra para a literatura Sylvio Romero para um mergulho na realidade nacional abandonando, em parte, os moldes europeus.

É mister fundar uma nacionalidade consciente de seus méritos e defeitos, de suas forças e de seus delírios, e não arrumar um pastiche, um arremedo de Judas das festas populares que só serve para envergonhar nossa aos olhos do estrangeiro. [...] Só um remédio existe pata tamanha desideratum: mergulhar-nos na corrente vivificante das ideias naturalistas e monísticas, que vão transformando o velho mundo (SCHWARTZ, 2000, p. 21).

Essa fase de olhar a realidade nacional inicia-se com o Romantismo, e é a partir dessa vanguarda que surge o regionalismo. Ao



observarmos por tal viés, o regionalismo é a representação dos tipos humanos, das formas de vida social e de paisagens descritas de uma forma clara e objetiva. Trata-se de um traço importante de definição de regionalismo, pois vai pontuando (marcando) cada detalhe de uma determinada região, de forma a perpetuar um único modo de olhar aquele lugar. Surge dos traços da oralidade indo contra os ideais europeus existentes no país, das paisagens e de crenças populares. Assim descreve Picchio ao fazer um pequeno recorte sobre o surgimento do regionalismo brasileiro:

Nasce a literatura “oral” na primeira pessoa, na qual quem escreve assume a função de registrador atento mas não participante do discurso captado e proposto ao leitor na sua imediata realidade lingüística: seja ele monólogo interior do eu autobiográfico, nivelador das categorias de tempo e espaço, seja o diálogo-monólogo de um terceiro, em relação ao qual o escritor não mais se permite colocar-se em posição de onisciência, a fim de poder traduzir em sua própria cifra os modos de expressão, mas do qual reproduz para o leitor, com um estranhamento que pretende ser objetividade científica, todas as relações de comportamento, e antes de toda a relação verbal. [...] A prosa regionalista nascera no último vintênio do século XIX sob a influência de Zola e de Eça de Queiroz, criando os primeiros tipos humanos e ambientais da galeria realista brasileira: o “mulato” de Aluísio de Azevedo, o “bom crioulo” de Adolfo Caminha, mas também o espaço-ambiente de O cortiço de Aluísio. [...] Próximo ao fim do século e no vitênio seguinte, contos e romances regionalistas tenderão, pelo contrário, com a criação de tipos humanos e ambientais, para sublimação e a valorização daquelas peculiaridades locais... Cada região oferece sua própria contribuição de modismo temático e expressivo, nascendo os grandes filões regionalistas... (PICCHIO, 1997, p. 382-384).

A visão de Picchio nos põe frente à tamanha transformação ocorrida na literatura brasileira em relação aos moldes do regionalismo. Desse modo, a partir da segunda metade dos anos 1920, os ideais do movimento modernista conseguiram ultrapassar seus limites para além dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (que era o eixo cultural até o período): o estilo ganhou a repercussão em vários estados do Brasil com foco nas especificidades locais e abandonando em muitas obras a linguagem erudita que era marca da escrita machadiana, rompendo, pois, com o tradicionalismo europeu vigente até o momento e dando “novos ares” à linguagem. Além disso, fazia o leitor deleitar-se ao encontrar a realidade política, econômica e social em escritas literárias, o encontro do eu na visão do outro. Romper a forma tradicional e atípica fazia-se necessário, pois a historiografia é uma forma de perpetuação e descrição da história dentro da literatura nacional: somos povos de formação miscigenada, rica em singularidade desde a cultura até a linguagem e, como exemplo de tal marca cultural/lingüística, o escritor Hélio Serejo nos leva a observamos a perpetuação de uma forma de olhar o chão-local, exaltando o rompimento do tradicionalismo dentro da literatura.

O rompimento com as formas tradicionais da poética [...] reflete a necessidade de aprender os novos aspectos da realidade que se revela e se transforma. [...] Ao mesmo tempo, noutro nível, a filosofia e a ciência buscavam o método capaz de orientar o homem em meio a essa realidade em processo (GULLAR, 1978, p. 55).

Após o surgimento do termo regionalismo na literatura brasileira, fazia-se necessária a exaltação de tal “molde” para dar “impulso” a essa nova tipologia de escrita. Surge então o nome Gilberto Freyre, escritor e sociólogo, a mais forte presença intelectual no Nordeste brasileiro desde o final do ano de 1920. Ele defendia arduamente as “tradições” nordestinas



e suas ideias fizeram com que se aproximasse dos grupos Pau-Brasil ou Verde-amarelo, em que se propunha valorizar assuntos afro-brasileiros, ameríndios, folclóricos e suburbanos, colocando-os como os melhores assuntos para a nova geração de artistas. Criticava também a linguagem bacharelesca (aquela extremamente rebuscada), defendendo a expressividade marcada pela fala popular e cotidiana, que é o coloquialismo. Esse ideal de Freire pode ser observado no trecho da poesia de Oswald de Andrade, que deixa de lado a linguagem bacharelesca machadiana, assim como era proposta durante o Segundo Reinado, com moldes europeus, mostrando-se como uma linguagem essencialmente brasileira.

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(ANDRADE, 1972)

Com a crítica de Oswald de Andrade quanto à linguagem, podemos pensar nas questões do nacionalismo e dos estereótipos sob uma perspectiva positiva, dos povos mostrando a pluralidade cultural brasileira e a fuga dos moldes de escrita europeia. Para melhor compreensão quanto ao *in loco*, busco os pressupostos de Cosson (1998), que discorre sobre o regionalismo, “[...] duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e como representação literária de uma determinada região”.

De acordo com o dicionário Houaiss, regionalismo é palavra ou locução de uma região, também pode ser um caráter da arte baseada na cultura de uma região. Recorro também ao dicionário Novo Aurélio Século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda (FERREIRA

1999, p. 1731), em que se registram as seguintes acepções:

Regionalismo: 1. Doutrina que incrementa os agrupamentos regionais. 2. Sistema ou partido dos que defendem os interesses regionais. 3. Locução peculiar a uma região, ou a regiões. **Liter.** Caráter da literatura que se baseia em costumes ou tradições regionais.

Regional. 1. Relativo ou próprio a uma região; local. 2. Conjunto musical cujo repertório consta de músicas populares próprias de uma região, e cujos componentes usam, em geral, trajes típicos.

Região. 1. Grande extensão de terreno. 2. Território que distingue dos demais por possuir características próprias.

As questões regionais, ligadas a territórios, estão intrinsecamente relacionadas a todas as classes sociais, não só à burguesia. Adoto como exemplo a obra *O mulato* (1909), de Aluísio de Azevedo, que aborda o tema escravidão, o que até então era omitido ou “maquiado” dentro da literatura brasileira. O conjunto de ideias da literatura do Segundo Reinado chocava-se tocando o comércio de escravos: seria um insulto à sociedade burguesa tratá-los usando uma linguagem acessível e popular. Ainda ressalto que o capitalismo ditava a racionalização dos indivíduos e quanto mais “europeizado” fosse o escritor, maior era seu prestígio no meio. Não havia interação entre os indivíduos de classes sociais inferiores, o que “significa a anulação de qualquer interação dialética [...] com relação ao conjunto de linguagens existentes” (GULLAR, 1978, p. 55) até então.

O regionalismo, que surge no modernismo brasileiro, põe-nos frente a ignoto questionamento quanto aos rumos literários do Segundo Reinado, pois, ao tomarmos as características europeias, abandonávamos as especificidades e o contexto do Brasil.

Seria meramente ilusório admitir a existência de uma literatura única, de características



idênticas em todos os países e que evoluísse contemporaneamente em todos eles. Pode-se falar de uma arte e de uma literatura universais, do mesmo modo que se fala de uma realidade internacional, isto é, como a generalização das particularidades nacionais (GULLAR, 1978, p. 78).

A literatura de cunho regional nos propunha um novo olhar, mesmo que de início. Houve resistência por parte da elite e grandes críticas nos meios midiáticos: exemplo claro é do escritor Aluísio de Azevedo, que, ao publicar obras como *O mulato*, foi denominado, pela burguesia, como boca do diabo. Na perspectiva de valorização do nacional, os regionalistas, tais como Simões Lopes Neto, Alcides Maia, Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Alencar, Mário de Andrade, etc., tratam em suas produções indianistas e do sertão brasileiro um caráter “dentro de uma visão crítica sociológica e até mesmo política” (GULLAR, 1978, p. 25).

Uma crítica formalista, quer impressionista, estatística ou cibernética seria incapaz de apreender com justeza o significado da literatura brasileira (a literatura de uma ex-colônia e de um país subdesenvolvido), especialmente naquele período inicial de sua formação. A essa crítica não restaria senão retirar com pinças, do seio daquela ampla mediocridade, um ou outro poema de Castro Alves, Álvares de Azevedo; e algumas páginas de Machado de Assis da poesia concreta, o que era a negação dos princípios básicos da poesia concreta. Escapar-lhe-á certamente o fato de que o Indianismo, com todas as limitações que teve, não foi cópia de qualquer movimento europeu, mas uma tentativa de criar a literatura brasileira, de lançar-lhe as bases. O Sertanismo, com sua estreita visão da problemática estética, é outro passo nesse sentido, e nele estão as raízes do Regionalismo, do romance nordestino e mesmo da ficção de João Guimarães Rosa. Escapar-á, a uma crítica puramente “estética”, o fato de que aqueles escritores, sob condições extremamente adversas, estavam construindo a literatura brasileira. É

impossível julgá-los do ponto de vista dos movimentos estéticos europeus em que se abeberaram. Tomando-os em bruto, sem ir ao fundo de seus propósitos fundamentais, mesmo porque tais propósitos não tinham cabimento na realidade brasileira, os brasileiros os devoraram, assimilaram deles o que era útil na época e expeliram o resto. Seria difícil entender tal processo, certamente, considerando apenas o nível da consciência crítica daqueles escritores: só é possível entendê-lo como resultado do processo geral da formação da sociedade brasileira. [...] Não se trata, evidentemente, de uma cultura própria, especificamente nacional, mas cultura brasileira no sentido de aglutinação dinâmica de elementos reelaborados que, através das décadas, se mantêm ligados e ativos numa interação capaz de responder ao presente e ajudar na sua formulação (GULLAR, 1978, p. 44-45).

Simões Lopes Neto, Alcides Maia, Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Alencar, Mário de Andrade, dentre outros, fazem parte do princípio de valorização da cultura nacional em âmbito “anti-burguês”, pois feria os ideais de mercadoria e capital, que era tanto louvável pela classe dominante. Tais escritores e tipologias de escritas, com focos nacionais, foram fundamentais para a formação da literatura brasileira, quebrando dogmas implantados e impostos pela elite para toda uma sociedade com pluralidade linguística e cultural, onde era valorizado o sujeito “europeizado”, logo, “culturalizado” apenas naquilo que não lhe dizia respeito.

Na contemporaneidade, escritores como Manoel de Barros e Hélio Serejo expõem as vertentes propostas pela ideologia nacionalista regionalismo, pois ambos cantam em suas obras as especificidades de um determinado chão-cultura, Mato Grosso do Sul, usando linguagem simples e popular, não por falta de conhecimento, mas para a representação dos tipos e exaltação da cultura local, esta que faz parte de uma cultura miscigenada a qual



pertence o Brasil, onde em cada região os regionalistas tentam “singularizá-la” frente à diversidade brasileira.

Brasil é na realidade ainda maior do mundo atual – e todas essas realidades, cada uma no seu nível, se exprimem nele. É neste sentido que entendemos o caráter nacional da expressão estética: nacional não por ser “nacionalista” ou regionalista, ou folclórica, ou exótica; mas por ser a expressão concreta, particular, do universal no âmbito de uma cultura determinada. Temos nos referido aqui à realidade nacional, mas é necessário também tentar defini-la. Do mesmo modo que a realidade internacional, como vimos, é expressão das contradições entre as particularidades nacionais, devemos ver também a realidade nacional como resultante da interação de elementos diversos, de fatores regionais, das contradições entre zonas desenvolvidas e subdesenvolvidas, entre a cidade e o campo, da luta entre as classes sociais, etc. Se não a olharmos assim, cairemos na mistificação do “nacionalismo” equivalente à mistificação do “internacionalismo” que denunciemos (GULLAR, 1978, p. 94-95).

Assim, forma-se o Regionalismo, com ideias vindas do próprio lugar, emanadas de nacionalismo e exaltação de culturas específicas de uma região, fazendo com que o leitor se transporte à realidade brasileira através da literatura.

ECOS DO IN LOCO NA LITERATURA SEREJIANA

Língua

A seca foi braba naquele ano.

O pai falou: Lá vem uma língua de fogo

Do lado da Bolívia

E vai lambar todo o pasto

O menino assustado: Língua de fogo?

O pai explicou ao menino que se tratava

Da imagem.

Língua de fogo é apenas uma imagem.

Mas, pela dúvida, o menino retirou seu

Cachorro da imagem (BARROS, 1916, p. 65).

Iniciemos com um trecho da obra do poeta Manoel de Barros, que nos põe frente a um discurso extremamente coloquial, além de brincar com as palavras. Tal texto nos faz refletir acerca da linguagem e da construção de sentido voltada ao lugar, pois, a partir de tais movimentos, é possível o deslocamento do leitor ao lugar abordado na escrita. Assim o faz Hélio Serejo, o escritor das coisas de Mato Grosso do Sul.

Hélio Serejo nasceu na fazenda São João (propriedade de seu pai Francisco Serejo) no município de Nioaque, Mato Grosso do Sul, no dia 1º de junho de 1912. Era o sexto filho (de dez). Sempre muito curioso, anotava tudo o que lhe causava interesse. Nioaque, cidade de seu nascimento, foi descrita em duas obras: O homem mau de Nioaque (1959) e Nioaque (um pouco de sua história) (1985) ambas encontradas na coleção denominada Obras completa de Hélio Serejo. Assim o foi desde sua meninice: fez cadernos de anotação que posteriormente viriam a se tornar um conjunto de obras voltadas ao então sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. Sua literatura é extremamente regional, buscando a valorização do in loco com sutileza e a construção de identidade do estado.

A obra Pelas orilhas da fronteira foi publicada no ano de 1981 e está no quinto volume do conjunto de obras denominadas Obras completas de Hélio Serejo, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) sob coordenação do professor Hildebrando Campestrini. Tal obra apresenta vinte capítulos e é composta por contos, crônicas e relatos que trazem em sua essência as cousas do Mato Grosso do Sul, com foco nas regiões fronteiriças.

Como afirmado anteriormente, todas as escritas que compõem Pelas orilhas da fronteira (1981) são voltadas a Mato Grosso do Sul. Porém, abordaremos dois capítulos, intitulados Cantiga Fronteira e Lua Fronteira, traçando



um paralelo com outras escritas de Hélio Serejo.

Primeiramente, analisaremos o relato “Chuva Fronteira”, em que o escritor nos dá uma base de como é a chuva da fronteira no folclore local, buscando exaltar a singularidade desse fenômeno na região de fronteira, colocando-a superior a todas. Superstições dos povos fronteiriços são colocadas em uma forma de “cantiga”. Em outro conto de Hélio Serejo, denominado Fiapo de Regionalismo, coloca-se em evidência o amor pelas cousas fronteiriças, em especial pela chuva fronteira:

Tenho amor [...], amor grande pela chuva fronteira da minha terra. Chuva que cai devagarzinho que nem dá para assustar a pombinha-rola que caminha, aqui e ali, procurando o farnel que a chuvinha sossegada espantou do esconderijo para buscar o trilheiro dos bichos. A chuvinha fronteira rega a terra para que a semente da esperança brote e cresça livremente, produzindo fartura, fartura que traz alegrias, põe brilho de fé nos olhos dos viventes... viventes que, de mãos postas, agradecem a Deus, porque a chuva criadora choveu na hora certa, por vontade do Pai Eterno, que vela sempre pelo seus filhos amados (SEREJO, 2008 p. 242- 243).

O amor do escritor por coisas da fronteira é notável e até nos relatos torna-se imensurável a particularização. Objetos como chuva, lua e vento da fronteira tornam-se únicos na visão do escritor. Na citação, a chuva da fronteira é única e abençoada por Deus.

Um fato interessante ocorre em Lua Fronteira, pelo qual Serejo nos faz “viajar” com os mistérios da lua. O escritor começa tratando o astro como “o grande globo branco”, logo após começa a relatar lendas e fatos, tais como de São Jorge, que habitava a lua. Coloca-nos ainda frente ao folclore infantil afirmando que a lua é um “queijo enorme”, traz a Lenda de Jaci (lua) e da Vitória-Régia. Após fazer um grande passeio por mitologia, credences e lendas, todas

com riqueza de detalhes, Serejo começa a relatar fatos, como, por exemplo, a primeira vez em que o homem pisou na lua.

Serejo, de uma forma clara e objetiva, relata o grande fato histórico: o homem pisar “no grande globo branco”. Observa-se na leitura do referido relato que Hélio Serejo, embora gostasse muito das lendas, das crenças, dos folclores e dos fatos acerca da lua, termina exaltando o seu objeto literário, a Lua, mas não aquela que ilumina e inspira os artistas e poetas de todo o mundo: a exaltação de Serejo refere-se à lua fronteira, aquela para a qual o escritor emprega vários adjetivos, andeja, graciosa, bela, divina, soberana, etc. Além de estar cheia de significados: paz, amor e esperança. Ainda sobre a lua da fronteira, observe a colocação do escritor:

Lua Fronteira... Você foi colocada no alto nas lonjuras do céu, por Deus Nosso Senhor, para iluminar o chão de duas Pátrias amigas. Você sabe que é assim, que é esse, o seu destino: que o seu rendilhado, todinho branco – na alvura da espuma – [...] devem reinar, acima de todas as coisas. No chão da fronteira imensa – de matas, campos, cerrados e churravascas – você é a rainha soberana, a que governa e manda, porque o Todo Poderoso – o infinitamente bom e sábio – quis que, através do esplendor do seu clarão, nascesse a compreensão e a benquerença, entre os povos de língua diferentes.

Você nasceu para ser, na fronteira, o farol divino que, irradiando claridade, abençoará homens de falar diferente mais irmão no respeito e crença naquele pai nosso Guia-Sublime (SEREJO, 1978, p. 86).

Em Cantiga Fronteira, o escritor afirma que com o processo de miscigenação nascem lendas, contos e causos, cantigas etc., pois culturas distintas estão em contato, criando (re)significados. Com essa “mistura” nascem as cantigas, que são fruto da imaginação dos povos fronteiriços. Elas, segundo Hélio Serejo, possuem duas vertentes, a primeira como



manifestação filosófica e a segunda como chacota, esta é a mais popular, pois vem sempre em forma de piadas e de gozação. Ainda de acordo com o escritor, as cantigas nascem de fatos verídicos e dificilmente terão uma roupagem de fantasia. Observe um trecho que aborda o tema fronteiriço e a relação amigável entre os povos: “do outro lado...outra raça/aqui torrão brasileiro / salve, salve, Paraguai / nosso irmão hospitaleiro” (SEREJO 1978, p. 79).

Quando observamos as escritas de Serejo na obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981), é notável o amor por Mato Grosso do Sul, da gênese à contemporaneidade, indo contra aos ideais do Segundo Reinado, fazendo-nos sentir orgulho do in loco no livro analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresenta ferramentas de oposição entre períodos e escritas literárias de suma importância para a formação da literatura brasileira defendida por Schwartz (2000), pois, ao apresentar assimetria e a dicotomia literária entre o Segundo Reinado e a filosofia do regionalismo, mostra-se que a partir da valorização do nacional houve uma literatura genuinamente brasileira.

É sabido que seguíamos o ideal europeu, que a elite ditava tal segmento e o capitalismo exacerbado não dava espaço para a criação e colocação de escrita do Brasil, refletindo o momento político, econômico e social que atravessava a nação brasileira. Escritores, inicialmente regionalistas, enfrentaram a elite e o sistema político monetário para cantar em suas obras a realidade nacional, deixando de lado toda a ideologia europeia.

A obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981), do escritor Hélio Serejo, mostra-nos o *in loco* em evidência, trazendo modismos, cultura, indumentária, culinária, enfim, a cultura em geral, numa riqueza detalhes tanto das paisagens como de linguagens tipicamente

singulares, fronteiriças, indo contras as ideias propostas pela literatura pertencente ao Segundo Reinado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas** :São Paulo: Martin Claret, 2003.
- AZEVEDO, Aluizio. **O mulato**. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1909.
- BARROS, Manoel. **Poemas rupestres**. 2. Ed. São Paulo: Editora Afiliada, 1916.
- COSSON, Rildo. **Notas à margem de uma fronteira móvel**. 1. Ed. Editora Instituto Nacional do Livro, 1998.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10. Ed. São Paulo: USP, 2002.
- GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e subdesenvolvimento, ensaios sobre a arte**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário Novo Aurélio XXI**, 1999.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.
- SCHWARTZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. Este ensaio constitui o primeiro capítulo do livro, ao Vencedor de batalhas, São Paulo: Duas cidades, 2000.
- SEREJO, Hélio. **Pelas Orilhas da Fronteira**. 1. Ed. Curitiba: Editora O formigueiro, 1978.
- SEREJO, Hélio. **Obras completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 9 volumes, 2008.



_____. Fiapos de regionalismos. In: **Obras completas de Hélio Serejo**. Op. cit., 2008, v.9, Livro 50: p. 242-243.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

ROSA, A. F. Regionalismo – As ideias dentro do lugar: Traços do *in loco* na obra *Pela Orilhas da Fronteira* (1981) de Hélio Serejo. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 5, p. 46-56, 2018.